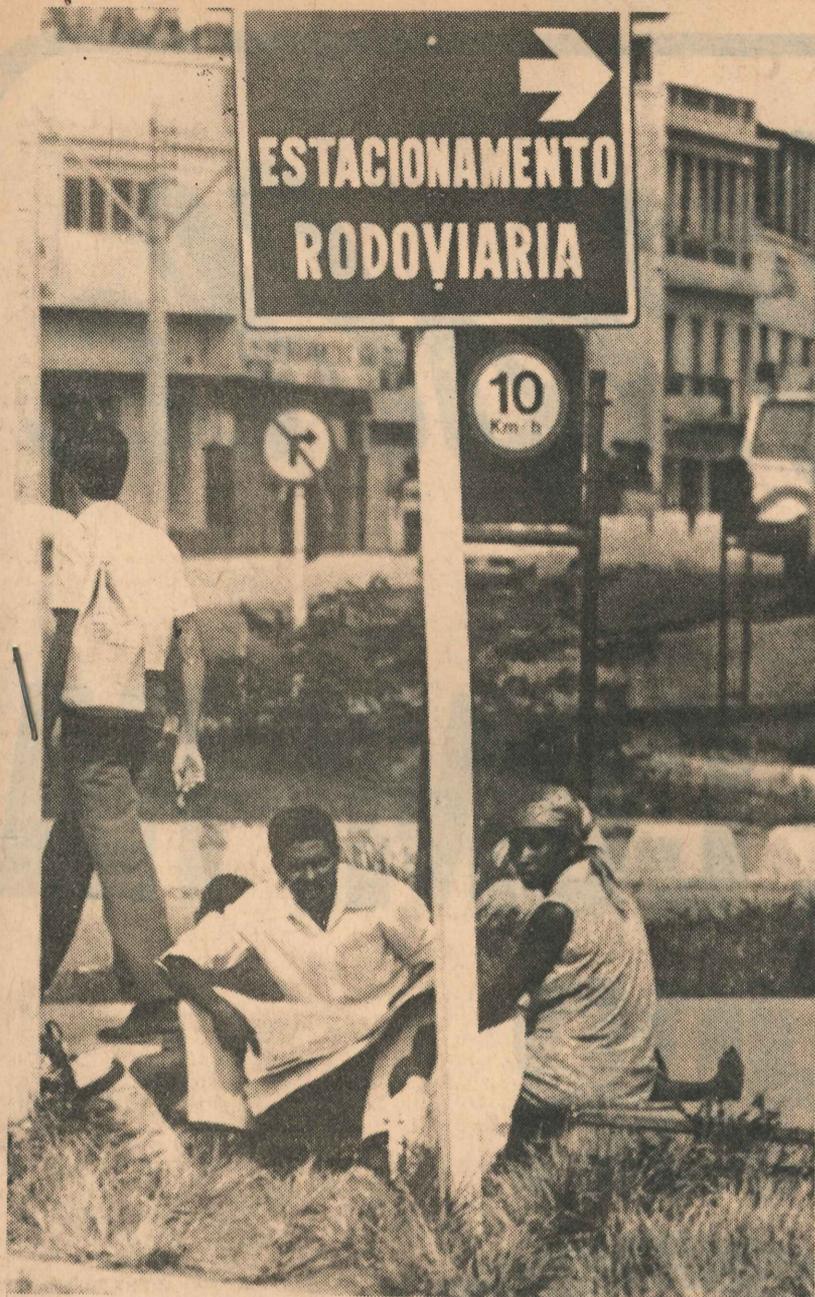


29 Jun. 80



@A2, 29 Junho 80



A cidade não absorve a mão-de-obra que o campo expulsa



O posto de Vitória recebe mensalmente 400 migrantes

Vinte e dois mil migrantes deixam ES por ano

Texto de Rosemary Martins Duarte
Fotos de Josemar Gonçalves

A falta de empregos na Grande Vitória, região que recebe o maior número de migrantes do Estado, é a principal responsável pelo saldo migratório negativo, quando cerca de 22 mil pessoas deixam anualmente o Estado. De 70 a 77, um total de 160 mil pessoas, das 300 mil que saíram do interior, deixaram o Espírito Santo, o que significa que o Estado continua perdendo população a um nível tão intenso quanto ao de 60 a 70, em que sua economia passou por um período de crise, com a erradicação do café.

“Esses números assustam mais pelo fato de que agora a economia cresce a ritmos tão elevados (14,2 por cento ao ano de 70/77) e seria de se esperar com isso que a grande evasão verificada na década anterior diminuísse”. Isso é o que previa o governo, conforme esclarece o documento sobre Migrações Internas do Espírito Santo, elaborado pela Secretaria do Planejamento (SEPL).

“É nesse ponto então — conforme diz ainda o documento — que se coloca em dúvida a capacidade de geração de emprego dessa economia e se questionam mesmo as prioridades dadas. O que se tentou com essa política para dar início a um processo de industrialização no Estado foi tirar a economia de uma fase de estagnação. E isso realmente foi conseguido. Acontece, porém, que esse crescimento da economia se devia quase que exclusivamente ao crescimento da região da Grande Vitória, enquanto todo o interior do Estado (principalmente as áreas de lavouras) foi se estagnando cada vez mais. Essa estagnação, é lógico, ocorreu em função do próprio crescimento das regiões escolhidas para se industrializarem”.

Estado iniciou-se com a desestruturação da economia cafeeira, a partir de meados da década de 60, com a erradicação do café, quando se verifica o esvaziamento do interior. É necessário, para se entender esses movimentos, destacar duas fases relevantes da economia do estado: uma representada pela monocultura do café e outra, pela sua erradicação, quando todas as prioridades voltam-se para a indústria.

O Sul do estado, que ao final da década de 40 concentrava a maior parte da população capixaba, dez anos depois tinha esgotado sua capacidade de absorção produtiva de mão-de-obra e havia mesmo a dificuldade de se aumentar a produtividade da terra. O Norte, pouco explorado e predominantemente agrícola, começou a atrair migrantes, principalmente pessoas provenientes de Minas e da Bahia. A partir daí iniciou-se seu crescimento.

Vitória, neste período, tinha seu crescimento ligado diretamente à exportação do minério proveniente de Minas, que estava em ritmo acelerado. Nesta época, segundo a SEPL, 70 por cento da população de Vitória trabalhavam no setor terciário, com atividades ligadas às portuárias. Mesmo assim, o café pesava mais na economia capixaba e gerava o maior número de empregos. No início da década de 60 a produção do café começou a cair, em 62 houve a primeira erradicação dos cafezais, e o decisivo mesmo foi de 66 a 68, com a erradicação indiscriminada.

Os municípios do Norte, que eram a atração para os migrantes passaram a ser os maiores centros de expulsão deles. A partir daí há a corrida para a Grande Vitória. Diante da crise econômica foi necessária uma nova política de redefinição do Estado no contexto nacional, já que o Espírito Santo havia se desestruturado completamente com a erradicação dos cafezais.

que pode ser considerada como uma grande marco com as mudanças ocorridas no Estado na década de 60 — foi a industrialização. Foram criados, então, no início da década de 70, órgãos para financiar investimentos para empresas privadas, cuja prioridade, a princípio, foi para as indústrias tradicionais que usassem matérias-primas locais. Depois, foram implantados os chamados “grandes projetos”: Aracruz Celulose, Tubarão, Vale do Rio Doce (usinas de pelotização) e Samarco.

Em 70 a participação do setor industrial no total da renda do Espírito Santo era de 17,4 por cento; passando em 76 a 27,7 por cento. O agrícola, que detinha 22,8 por cento da renda do Estado em 70, passou a participar com 11 por cento em 76. A concentração econômica da Grande Vitória, com os “grandes projetos”, intensificou consideravelmente as desigualdades regionais, uma vez que o interior não era industrializado.

Neste período, de 70 a 77, houve um abandono consciente do campo, quando 65.455 mil pessoas, das 300 mil que abandonaram o interior, migraram para a Grande Vitória, na expectativa de que a economia urbana viesse a compensar a falta de empregos na zona rural. O afluxo para a região da capital era desejado em decorrência da falta de mão-de-obra para a construção civil, dos “grandes projetos”.

Como o número de migrantes que buscou emprego na Grande Vitória era muito superior ao que sua estrutura poderia suportar, a região passou, conseqüentemente, a ser uma ponte para a migração para centros maiores como Rio e São Paulo. A Grande Vitória concentra hoje 41 por cento do total de migrantes de todo o Estado, com uma mobilidade intra metropolitana de 27 por cento, que tende a aumentar em detrimento da especulação imobiliária — a rápida valorização dos terrenos e aluguéis forçou as famílias de baixa renda a se mudarem para as regiões menos favorecidas.

MOVIMENTOS DA POPULAÇÃO

O processo que determina a migração no

INDUSTRIALIZAÇÃO

E a saída para essa crise econômica —

CST aumenta fluxo para Vitória este ano

Uma média de 400 pessoas chega mensalmente a Vitória, em busca de emprego e melhores condições de vida. Esse pelo menos é o número de migrantes que buscam os postos do Programa de Atendimento e Promoção de Populações Migrantes de Baixa Renda para informações de emprego. Atualmente há um equilíbrio desse contingente com relação a sexo e a faixa etária dos migrantes está entre 18 e 35 anos.

Há uma previsão de que esse contingente seja muito superior até o final do ano, conforme informações da subcoordenadora do programa, Sheila Perim Albuquerque Lopes, em decorrência do início das obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), que deverá absorver até 20 mil pessoas na construção civil, quando atingir o pique.

Segundo Sheila, a maioria quase absoluta de migrantes que chega a Vitória procura emprego em construção civil, que não exige uma qualificação adequada. Todo o problema começa no recrutamento do pessoal, quando um grande contingente fica de fora e é obrigado a percorrer todos os canteiros de obras da cidade à procura de uma vaga.

No caso específico da CST, questiona-se o problema social que ocorrerá quando os 20 mil operários, ao concluírem as obras, forem dispensados. Como uma medida paliativa, Sheila Perim sugeriu o treinamento desse pessoal, para ser absorvido pela própria companhia, que exigirá pessoal técnico, para seu funcionamento.

INTERIORIZAÇÃO

A fixação do homem no campo só po-

deria ser conseguida a partir do momento em que na zona rural ele tivesse condições de educação, de assistência médico-hospitalar e de todos os outros atrativos que encontra na cidade, que ele julga ser o eldorado. Essa falta de assistência que ele tem no campo é a responsável pela migração e consequentemente por problemas como a proliferação de favelas e aumento da marginalidade, que não podem ser entendidos e muito menos solucionados de forma isolada, já que fazem parte de um processo que condiciona a expulsão das populações do interior.

A concentração do impulso industrial na região da Grande Vitória pode ser considerada como outro fator responsável pelo alto grau de migração. Para a subcoordenadora Sheila Perim, "se os investimentos econômicos na área industrial fossem empreendidos também em diversos pólos do interior a atração pela Grande Vitória talvez fosse diminuída, porque os migrantes teriam por onde se espalhar".

Os municípios que mais atraem migrantes na Grande Vitória, segundo o documento da Secretaria do Planejamento (SEPL), são, por ordem de importância: Vila Velha, Cariacica e Vitória, seguidos por Serra e Viana. A Serra, principalmente, vem, nos últimos cinco anos, aumentando assustadoramente a sua população, pelo simples fato de ter sido o município premiado pelo governo para a implantação dos "grandes projetos".

PROGRAMA

No ano passado, o Programa de Atendimento aos Migrantes recebeu Cr\$ 2 milhões

do Ministério do Interior, para aplicação em despesa pessoal e em serviços de hospedagem, alimentação, documentação, passagens e informações profissionais prestados pelas assistentes sociais que trabalham nos postos de atendimento aos migrantes de Vitória, que no ano passado deram assistência a 3.516 pessoas.

Para esse ano, o Minter diminuiu essa verba para Cr\$1,5 milhão e até agora foram atendidos 1.465 migrantes. Essa verba, nem se fosse multiplicado o seu valor por dez, segundo a subcoordenadora do programa, daria para o atendimento total dos migrantes e principalmente para a interiorização do programa, como disse.

A maioria dos migrantes que chega à Grande Vitória é proveniente dos centros urbanos, segundo dados da Secretaria da Cultura e do Bem-Estar Social, que é a responsável pelo programa. Destes, 90 por cento, segundo questionário a que os migrantes atendidos pelo programa respondem, são de origem rural e mais de 70 por cento dos que chegam vêm em busca de emprego. Segundo a Sebs, também o nível de escolaridade dos migrantes é de 1ª. a 4ª. série do primeiro grau.

Os municípios capixabas que mais expulsam migrantes, em termos absolutos, são: Colatina, Afonso Cláudio, Linhares, São Mateus, Barra de São Francisco e Baixo Guandu. Crítica é a situação de municípios como Alfredo Chaves e Itaguaçu, por exemplo, que, embora percam um número menor de pessoas, com relação a outras cidades, têm nesse número uma grande representatividade, se consideradas suas pequenas populações.